



As geograficidades do saber-fazer no uso de plantas e de alimentos no sertão baiano: saúde e cuidado do corpo-terra

The geographies of know-how in the use of plants and food in the sertão of Bahia: health and care of the body-earth

Efigênia Rocha Barreto da Silva¹
Jamille da Silva Lima-Payayá²

RESUMO:

O artigo tem como objetivo compreender as geograficidades do saber-fazer no uso de plantas medicinais e de alimentos no povoado de Jurema de Pedro Leite (São Gabriel, Bahia), como expressão do corpo-terra comunitário ancestral. Na perspectiva dos povos indígenas, há um saber-fazer relacionado às plantas e aos alimentos, que remete à articulação corpo-terra-espiritualidade. Esse saber-fazer apresenta-se como uma relação geográfica situada, que aparece pela ancestralidade nos povos do sertão baiano, como expressão do equilíbrio do corpo-espírito com a terra. O artigo mostra como essa experiência comunitária de mundo entrelaça sabores, saúde e espiritualidade como possibilidade de cura/cuidado, contribuindo para uma geografia que emerge do corpo-terra vivenciado pelas ervas e pelos alimentos.

Palavras-chave: ancestralidade; ervas; alimentação.

ABSTRACT:

The paper aims to understand the geographies of know-how in the use of medicinal plants and food in the village of Jurema de Pedro Leite (São Gabriel, Bahia), as an expression of the ancestral community body-earth. From the perspective of indigenous peoples, there is a know-how related to plants and food, which refers to the articulation between body-earth-spirituality. This know-how is presented as a geographically situated relationship, which appears through ancestry in the peoples of the Bahian sertão (hinterland), as an expression of the balance between the body-spirit and the earth. The paper shows how this community experience of the world intertwines flavors, health and spirituality as a possibility for healing/care, contributing to a geography that emerges from the body-earth experienced through herbs and food.

Keywords: ancestrally; herbs; eating.

¹ Mestra em Estudos Territoriais (PROET/UNEB). Doutoranda em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia, na Universidade Estadual de Londrina (PPGEO/UEL). E-mail: efigenia.rocha@uel.br. <https://orcid.org/0000-0003-3333-8270>.

² Doutora em Geografia (Unicamp). Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: jaslima@uneb.br. <https://orcid.org/0000-0002-9590-3370>.



Introdução

Na Geografia, quando se fala em plantas e em alimentos, é comum sermos remetidas aos estudos de Alexander Von Humbolt, notadamente seu “*Essai sur la Géographie des plantes*”, de 1805, ou aos estudos da Geografia Agrária, com as discussões referentes à produção e à segurança alimentar.

No entanto, embora tais referências imediatas impliquem discussões importantes – Humbolt reconheceu a centralidade da vegetação nas paisagens (Romariz, 1996) e a segurança alimentar é uma questão social central –, nossa relação com as plantas antecede esses recortes disciplinares-temáticos. Como argumenta Stefano Mancuso, 85% de toda a biomassa do planeta é vegetal, e por isso não é de se estranhar que todas as histórias remetam, se iniciem e estejam diretamente relacionadas às plantas (Mancuso, 2021).

Tal relação está amplamente expressa na conexão ancestral e espiritual dos povos indígenas com as plantas, por meio de usos diversos que vão da ritualística espiritual, passando pela alimentação até as medicinas. Como mostra Santos (2020), diferentes povos indígenas apresentam um nexo entre corpo e plantas (da roça ou da mata), que vai além do sentido mimético, expressando uma comunicabilidade bidirecional que antecede aquilo que se convencionou chamar de “domesticação”. Pautando-se em exemplos da etnografia dos povos amazônicos, o autor sinaliza para uma “relação positiva entre humanos e animais como sujeitos interativos e beneficiários na propagação de plantas e na construção de paisagens”, sem estabelecimento de hierarquias (Santos, 2020, p. 153). O autor aponta para um *continuum* entre floresta e roça, no qual alimentos e medicinas transformam e são transformados pelo corpo indígena, como foco da origem e sentido dos cultivos.

Nesse contexto, podemos compreender as ervas e os alimentos utilizados para fins terapêuticos (as populares ervas medicinais) como originárias da experiência dos povos em seus territórios, com suas paisagens fitogeográficas e seus roçados. De uma certa forma, tal perspectiva está presente no esforço de compreensão da paisagem como constituinte da vida, como propunha Humboldt, e se articula diretamente com



uma perspectiva de segurança alimentar que fricção os sistemas produtivos de alimentos contemporâneos.

Interessa-nos, neste artigo, investigar a geograficidade – no sentido dardeliano de relação ser humano-terra, como cumplicidade (Dardel, 2011) – das ervas medicinais e dos alimentos como expressão da ancestralidade indígena, tal como se apresentam no saber-fazer do sertão baiano. Trata-se de um movimento de investigação que adentra as práticas cotidianas comunitárias dos povos do sertão que, devido à colonização, passaram por tentativas de apagamentos e de negação das heranças indígenas que os constituem.

Gaudêncio, Rodrigues e Martins (2020, p. 166) destacam o vasto conhecimento dos povos indígenas no uso de plantas medicinais e na preparação de remédios caseiros, os quais promovem efeitos curativos e práticas de autocuidado. Esses conhecimentos se dão pelo processo acumulado intergeracional a partir do vínculo com o ambiente, envolvendo um saber experiencial da paisagem. No entanto, também envolve um saber-fazer, como um tipo de conhecimento relacionado à “[...] dinâmica da realização de atividades, trabalho e técnicas que são realizáveis por grupos ou indivíduos, que por vezes é um fazer consciente do marco da aprendizagem do saber, podendo ser uma reprodução da ação” (Silva, 2024, p. 57). O saber-fazer constitui-se a partir das experiências e vivências ancestrais dos povos, elaborados de maneira coletiva em determinado contexto geográfico, o que sugere seu vínculo com a terra-território como geograficidade.

Esse componente é importante, pois diferentes paisagens e regiões fitogeográficas ou, para usar uma expressão mais abrangente, domínios de natureza (Ab’sáber, 2003) apresentam um conjunto específico de ervas. Esses conhecimentos, no caso da Caatinga, são bem delimitados, uma vez que o domínio é endêmico brasileiro, com características de difícil definição pela biogeografia, especialmente por sua variação florística e fisionomia, podendo apresentar-se de maneira fechada, aberta, arbustiva ou com diferentes estratos vegetais (Romariz, 2008). Nessa especificidade, há uma pluridiversidade de saberes e sabores caatingueiros.



As ervas medicinais são constituintes de um conjunto de plantas utilizadas para usos com fins terapêuticos. Essas podem ser adquiridas das mais variadas formas: cultivadas em quintais, encontradas “no mato”, adquiridas em comércio de produtos naturais ou em feiras locais. Podem ser veneno ou remédio, sendo objeto de preparações e manipulações diversas que constituem o saber-fazer. Neste se encontram várias estratégias e adaptações a partir da extração, da manipulação, da preparação, da organização e da conservação, repassadas e transmitidas por meio da oralidade.

Trata-se dos remédios caseiros, das garrafadas, dos insumos e das demais misturas, apresentando diversas dimensões que estão implicadas desde a prevenção dos males, até tratamentos curativos e paliativos. Compartilhados e presentes em diversos povos indígenas atualmente, são indicadores culturais de múltiplos atravessamentos, como expressão de uma relação direta espírito-corpo-terra, pois consiste em uma perspectiva integrada da saúde e do bem-estar.

Esse saber-fazer é vivido no povoado Jurema de Pedro Leite, em São Gabriel, no estado da Bahia. Trata-se de um povoado que possui um sentido comunitário expresso na sua cotidianidade. Seu topônimo indígena, Jurema, planta da Caatinga, evidencia a potência das relações e do saber-fazer expresso pela geograficidade das pessoas envolvidas com as plantas.

A historiografia e a literatura nacionais ajudaram a construir uma forte estigmatização da vegetação, do clima e da paisagem da Caatinga, negando seu dinamismo, riquezas e diversidade (Lima-Payayá, 2023). Essa estigmatização é manifestação da colonialidade, que toma as características fitogeográficas e climáticas a partir da perspectiva do imaginário europeu, especificamente de seu sentido de exuberância e de beleza, o qual relega à Caatinga e aos seus habitantes, aos povos indígenas e, posteriormente, aos sertanejos, uma condição inferiorizada perante outros domínios de natureza e outros povos. Dessa forma, evidenciar as relações implicadas no saber-fazer na Caatinga, com seus atravessamentos indígenas se configura em um gesto em direção a uma ciência geográfica contracolonial, possibilitando reverberar uma geograficidade profunda, ampla e diversa que envolve espiritualidade e ancestralidade



a partir do corpo-terra. Este se mobiliza por meio da territorialidade vivenciada, junto aos saberes que envolvem o geográfico em uma relação articulada com a comunidade.

O saber-fazer é, portanto, territorial e comunitário, sendo expresso no cotidiano, na experiência de um coletivo à medida que são estabelecidas trocas de plantas, de sementes, de frutos, de mudas e de folhas, expressando um sentido aterrado de compartilhamento de mútuos aprendizados. Em vista disso, o objetivo deste texto é compreender as geograficidades do saber-fazer no uso de plantas e alimentos medicinais no povoado da Jurema de Pedro Leite, como expressão do corpo-terra comunitário ancestral.

Ervas medicinais, alimentos e saber-fazer: cuidado da e com a terra

Ervas e alimentos expressam uma relação espiritual-ancestral com a terra, na articulação corpo e mente. Essa relação está presente na cosmovisão dos povos indígenas, ao conceber um corpo que não se aparta da terra, uma espiritualidade cultuada e alimentada pela ancestralidade. Esta intervém no saber-fazer das rezas, repassando o “entendimento”, “o dom” entre gerações, se encontrando no cuidado e no respeito com as folhas, no encantamento necessário para a espiritualidade.

A espiritualidade-ancestral que nos referimos não consiste em uma espiritualidade dogmática, de templos e igrejas, ainda que haja consorciações em alguns casos, mas uma espiritualidade ancestral da temporalidade das coisas, dos banhos, das folhas, do cuidado do corpo-espírito.

Em sua tese de doutorado em Difusão do Conhecimento, Araújo (2021) discute a relação dos povos indígenas Kariri-Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó com a dimensão da saúde, a qual passa por sua própria cosmovisão e relação com a terra, assim como de uma dimensão de equilíbrio e não apenas de tratamento de doenças. A autora destaca a necessidade de retomada de uma espiritualidade aterrada nas diversas dimensões dos povos indígenas, permitindo a elaboração de um outro modelo de práticas de bem-estar e cuidado da saúde. Para ela, é preciso tomar como pontapé uma implicação de cuidado



da terra e junto à terra para preservação e para cultivo de um espírito conectado à natureza do ser e ao ser da natureza.

A pesquisadora da temática da saúde, Luz (2007), enfatiza o processo de resistência dos saberes medicinais tradicionais dos povos indígenas nos países sul-americanos, diante do epistemicídio sofrido ao longo da história. Já Rocha (2019), em sua dissertação de mestrado em Direito, apresenta o processo de biopirataria dos saberes dos povos, sobretudo dos povos indígenas na Amazônia brasileira. Para esta autora, os modos e saberes de lidar com as plantas, a feitura dos remédios, dos chás e dos insumos têm sido patenteados por empresas estrangeiras e são comercializados sem a relação do manuseio tradicional pelos povos que constituíram esse saber-fazer.

A autora destaca que pelo fato da biopirataria não ser tipificada como crime, há poucos instrumentos legais para combatê-la. Como resultado, há a desvalorização dos saberes dos povos, invisibilizando suas medicinas, potencializando a usurpação de saberes ancestrais pela indústria farmacêutica. Trata-se de um processo colonialista de saque do saber-fazer, como sinaliza Santos (2023, p. 66), na obra “A terra dá, a terra quer”: “Processos colonialistas como esses tentam nos enganar transformando os nossos saberes em mercadoria”.

Vale destacar que esse processo pode ser compreendido como uma desterritorialização, descontextualizando as medicinas do saber-fazer ancestral territorialmente significado. Como reproduzir, de maneira sintética em um circuito comercial, o movimento de busca de equilíbrio do corpo-espírito com e pela terra envolto pela espiritualidade ancestral de um determinado povo? Esse processo, além de violento e ultrajante, reduz o saber-fazer à sua composição bioquímica.

A dimensão do saber-fazer das plantas para busca energizante do espírito com a terra perpassa pelas práticas das rezas, que consiste em uma consorciação com a sacralidade por intermédio das plantas (Alcântara, 2017). Cada erva possui seus atributos e usos diferentes na benzeção, havendo demandas específicas que implicam a coleta-busca pelas plantas adequadas, de acordo com seus atributos, energização e potencial curativo.



A espiritualidade relacionada às ervas e à saúde comumente estão associadas às mulheres. Moreira (2024), por exemplo, evidencia o papel feminino das mulheres Kalunga no processo de cuidado, por meio do uso das plantas medicinais, da benzeção pela interlocução entre corpo e espírito.

Borum-Kren (2023), no capítulo intitulado “O que os Femininos e o Ambientalismo Podem Aprender com as Lutas de Indígenas Mulheres e o Bem Viver?”, presente na obra “Wayrakuna: Polinizando a vida e semeando o Bem Viver”, afirma que a perspectiva indígena de cura ou tratamento de um corpo-espírito não perpassa pelo distanciamento da terra, de forma que a cura medicinal ou espiritual deve atravessar corpo-terra sem dissociação, pois a separação é uma ferramenta colonizadora de desarticulação, que coloca a armadilha do distanciamento pelo enfraquecimento da espiritualidade. Os corpos indígenas são terra, estão na/com a terra. Essa dimensão perpassa o saber-fazer das plantas, da cura implicada que tratamos no escopo deste texto.

A respeito dessa dimensão do corpo, Veríssimo (2010) propõe interpretar o corpo como extensividade da terra, da natureza, a partir daquilo que é necessário para o cultivo de si, cultivo de uma afetação com o meio, por meio de mobilização de semeadura construtiva de uma nova perspectiva para o futuro. Isso aponta diretamente para o cuidado consigo e para com o outro na busca de um equilíbrio integrado.

Os geógrafos Dias e Mendonça (2020, p. 272) afirmam que os povos “[...] se voltam para a saúde humana e se apresentam [...] por uma terapêutica de cuidado e de percepção da saúde, que enxerga o ser humano como um sujeito integrado à natureza e seus fluxos e ciclos”. Essa compreensão da relação com a natureza é fundante das diferentes cosmologias indígenas, que se recusam a ecoar a perspectiva Moderno-Colonial de distinção sociedade-natureza: a cura está implica em ser natureza, de maneira espiritualizada e não dissociada.

Chaparro e Maciel (2021) apresentam a relação indígena com o uso de plantas medicinais e alimentos para manutenção de um corpo-terra em busca de um equilíbrio. Os autores demonstram a necessidade dos povos Guarani de produzir seus remédios e dos alimentos para a constituição de uma boa saúde, tendo em vista a contaminação alimentar pelos agrotóxicos e a manipulação de remédios convencionais que acabam



por afetar a saúde. Ao tratar a doença, destrói-se a boa saúde em prol da cura de uma patologia ou mesmo de um mal-estar.

Ferreira (2021, p. 31) destaca a importância do movimento de organização e valorização das práticas curativas das ervas.

A reprodução de práticas culturais, [...] como as benzeduras, o conhecimento de plantas com potencialidades de cura (física e espiritual), a construção de hortos medicinais e o uso de chás no tratamento de doenças transpassam as gerações e se caracterizam como importantes representações do vínculo com a terra e do cuidado com a comunidade.

É esse compartilhamento das práticas culturais que denominamos de saber-fazer. Ao destacar e remontar às experiências dos povos originários, tonifica-se o poder da oralidade e da comunalidade. Estas práticas coletivas confluem para manutenção de modos de vida ancestrais em uma perspectiva de respeito à terra.

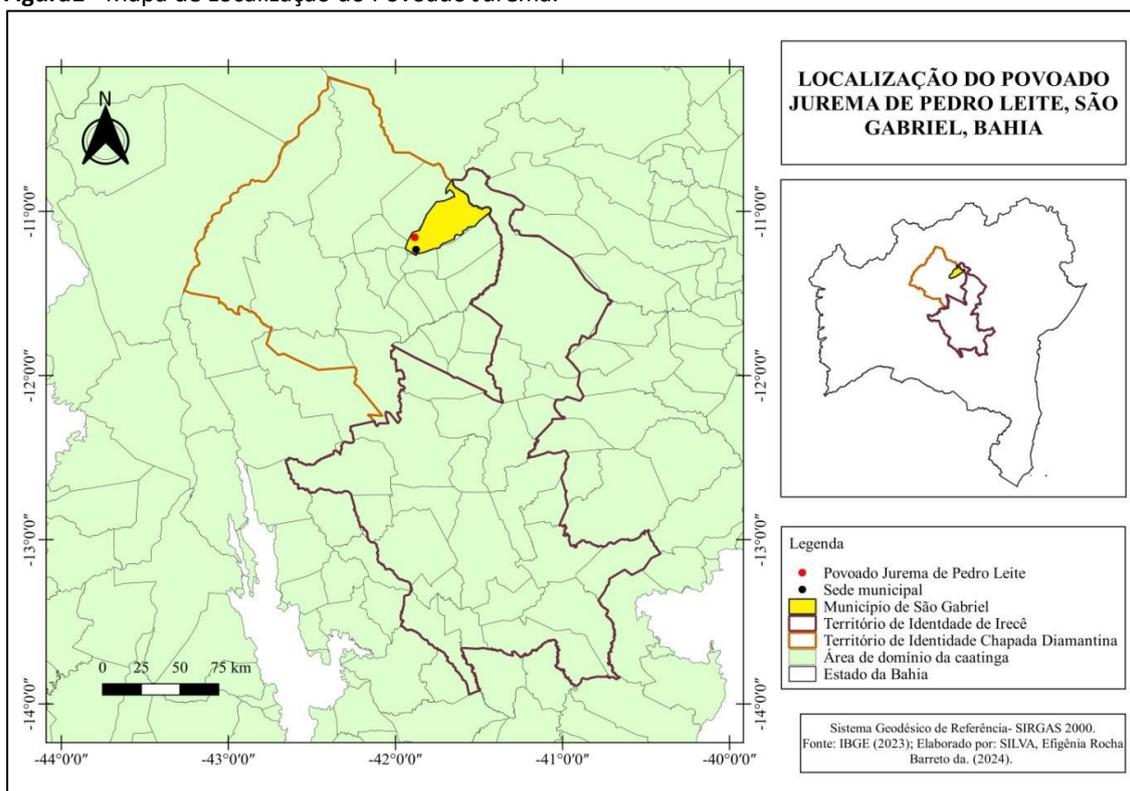
Caatinga e práticas curativas no sertão baiano

O texto se refere à pesquisa realizada no povoado de Jurema de Pedro Leite (Silva, 2024), localizado a nove quilômetros da sede do município de São Gabriel, no Território de Identidade de Irecê, no sertão baiano (figura 1). O município se encontra no centro norte baiano a aproximadamente quatrocentos e oitenta e sete quilômetros de Salvador, capital do estado, em uma área de forte produção agrícola. A população do município está distribuída entre 10.486 na zona urbana e 7.933 na zona rural (IBGE, 2022), tendo uma interface muito articulada entre as áreas classificadas como rurais e como urbanas.

Contextualizado no domínio da Caatinga, é vizinho do Território de Identidade da Chapada Diamantina, onde se encontra o Território Indígena Payayá, no município de Utinga, na Yapira (Cabeceira do Rio). Os Payayá são conhecidos pelo uso coletivo e manuseio de plantas e alimentos medicinais no território. “São pelo menos 75 espécies de ervas medicinais coletadas na região”, que têm sido manipuladas e trabalhadas ao longo das gerações (Lima-Payayá, 2019, p. 166).



Figura1 - Mapa de Localização do Povoado Jurema.



Fonte: IBGE (2022).

O povoado Jurema, assim, é um território ancestral atravessado pela presença indígena³ na concepção do modo de vida e na lida com a Caatinga, constituído por elementos comunitários que compõem os conviventes do lugar, entre os moradores e os amigos, parentes e conhecidos. O constitutivo indígena está presente nas relações sociais comunitárias, bem como nos utensílios utilizados na lida com a terra e os alimentos, como na consagração e no respeito ao tempo das coisas, nas heranças das práticas de plantio da mandioca, do feijão e do milho (Alcântara, 2017). A herança indígena também aparece nas ferramentas de madeira, como colheres de pau, e nos utensílios de palha, como esteiras, cestos, dentre outros (Silva, 2024).

Além disso, há dimensões familiares entrecruzadas de comunalidade, sustentada por relações interpessoais de proximidade, acordos orais e combinados, que apontam para a força das palavras (Lima-Payayá; Silva, 2024) em uma comunidade fundada pela

³ Como a maior parte do sertão baiano, o povoado não apresenta apenas influências culturais indígenas, sendo especialmente marcante a cultura afro-brasileira. No entanto, pelo tema do presente artigo, daremos ênfase à ancestralidade indígena, devido à sua experiência na/com a Caatinga.



e na oralidade. A geograficidade que se constitui a partir de tais relações remete à circularidade do sertão baiano, implicando as características próprias da Caatinga (Santos, 2023).

A pesquisa revelou esses atravessamentos como o saber-fazer das ervas e dos alimentos, utilizados cotidianamente pelas pessoas do povoado. A pesquisa teve como enfoque metodológico a abordagem fenomenológica, desdobrada a partir da experiência, utilizando-se de diários de campo e de registros fotográficos (Silva, 2024). Trata-se de uma pesquisa que parte do contexto vivido, da experiência familiar e comunitária, da lida com os afazeres da casa de farinha e do compartilhamento de suas especialidades. Como mulheres do sertão, temos tais vivências em nossas próprias corporeidades, compartilhadas e aprendidas enquanto tomamos parte das diferentes etapas. Uma pesquisa fenomenológica demanda tal dimensão existencial implicada (Lima-Payayá, 2024).

A partir dessas vivências, a pesquisa foi realizada por meio de diálogos que reativaram memórias e a circularidade própria da experiência do saber-fazer da casa de farinha, com trabalhos de campo que duravam semanas ou meses, entre 2022 e 2023. Acompanhamos todas as etapas da farinhada, caracterizando uma pesquisa implicada que é realizada com a comunidade, da qual também fazemos parte (Lima-Payayá; Silva, 2024).

Esse duplo mergulho (da vivência de pertencer à comunidade e as conversações durante as etapas da farinhada ao longo da pesquisa) ofereceram uma perspectiva específica para compreender os processos, sentimentos e percepções da comunidade e dos participantes, que compartilharam conosco sua experiência de saber-fazer, generosamente (Silva, Lima-Payayá, 2024).

Santos (2023), destaca a diversidade das plantas da Caatinga na perspectiva alimentar e do uso de plantas medicinais. O autor afirma que todas as plantas são importantes, tendo potencial para serem demandas para variados fins: “Gafavera, aroeira e juá são folhas secas mais ricas em proteínas do que soja ou milho” (Santos, 2023, p. 50). Para o autor, os povos quilombolas aprenderam sobre a Caatinga com os



povos indígenas, que lhes mostraram como as plantas nativas possuem alta complexidade de demandas e usos.

O autor explica o contexto da titulação do livro “A terra dá, a terra quer” a partir das sementes e do modo de semear. Este é um dos elementos que destaca o modo de circunscrição de uma área de vegetação denominada de “caatinga”, que não significa apenas o domínio de natureza, mas também é utilizada para indicar uma área de vegetação nativa que é preservada. Essas áreas de “caatinga” em meio aos pequenos ou grandes roçados apresentam plantas que possuem um modo de reprodução particular, demandando movimento de germinação e manutenção das suas espécies por meio de suas sementes, seus frutos e suas folhas. É a esse processo que o autor associa a ideia de que a terra quer acolher, como uma demanda do ser natureza.

Dentre as especificidades de plantas utilizadas no povoado, temos plantas endêmicas da Caatinga e plantas presentes também em outros domínios brasileiros. Quanto ao uso, podem ser utilizadas as **folhas** (secas ou recém-colhidas) para infusões, garrafadas, bebidas e banhos; as **cascas**, que podem dar origem a chás e insumos diversos; os frutos, com os quais se fazem principalmente sucos e vitaminas, mas também podem ser comidos diretamente ou em saladas e pratos; e as **raízes**, que podem ser cozidas, raspadas ou trituradas, podendo produzir alimentos diversos, chás, banhos e outros usos.

A coleta das ervas, raízes, folhas ou frutos apresentam lógicas distintas. Por exemplo, quando o foco é a **folha**, ela será coletada diretamente na planta, selecionando-se de acordo com a robustez da folha, seu tamanho, a tonalidade de verde da folha que indica uma folha saudável. Após a coleta é realizada uma lavagem da folha, para retirada de terra acumulada. As utilizações das folhas podem ocorrer em dois formatos: as folhas secas já desidratadas ou as folhas verdes após coletadas. A relação entre a variedade da utilização e o modo surge da demanda.

Já as **cascas** são retiradas a partir de um pequeno corte no tronco da árvore, sem anelar, com a utilização de uma faca ou de um facão. Dessa cobertura que envolve o tronco da planta provém a “casca”. Elas são deixadas ao sol para secarem. Sua utilização pode ser feita, seca ou fresca após a retirada.



As **raízes** são coletadas de duas formas: uma mais invasiva, quando é necessário o arranque da planta por completo, ou a menos invasiva, na qual se recolhe a partir do escavamento de uma parte da raiz. Nesse caso, a planta não é morta, cuidando-se para retirar partes que não comprometam sua capilaridade e sustentação.

Há uma temporalidade indicada para a retirada das cascas, das folhas e das raízes por meio do quadrante lunar, o qual interfere na qualidade do elemento diretamente, pois a lunação indica o momento propício para o descanso e para o trabalho. Esse é um saber-fazer que está presente no escopo ancestral das gerações mais velhas que estão conectadas à temporalidade das plantas.

É costumeira a coleta das plantas ser atribuição dos homens. Já as mulheres são responsáveis pelo manuseio, limpeza e produção das beberagens, chás, insumos e consorciação das plantas. Não há uma delimitação hierárquica ou separação prévia das atividades, mas sim o costume corriqueiro: não há impedimento se houver atravessamentos entre as atividades e as atribuições.

Algumas ervas são plantadas nos quintais por meio de sementes ou mudas. Outras são colhidas em áreas de vegetação da Caatinga que estão dispostas em várias roças, nas propriedades de pessoas conhecidas.

São utilizadas também plantas frutíferas que possuem ação curativa ou combativa de enfermidades, manuseando-se folhas, frutos, cascas e raízes. Esses constituem elementos do saber-fazer dos povos indígenas da Caatinga, como bases de boa alimentação e de saúde, com usos específicos aprendidos pela experiência ancestral dos povos do sertão.

Quanto às ervas, especialmente no que se refere às folhas, encontramos no povoado da Jurema:

A **umburana de cheiro** (*Amburana cearensis*) é utilizada para chás e insumos para a má digestão, diarreia e para regulação intestinal. São utilizadas as raízes, folhas e cascas também para garrafadas. De acordo com Souza (2018) sua área de ocorrência abrange a Caatinga, o Cerrado, a Mata Atlântica e a Amazônia.

A **aroeira** (*Myracrodruon urundeuva*) é utilizada no combate a inflamações. Suas cascas são usadas para vaporizações ou assentos em água morna, objetivando amenizar



inflamações uterinas. De acordo com Souza (2018), ela aparece no Cerrado, na Caatinga e na Mata Atlântica.

A planta **coroa-de-frade** (*Melocactus zehntneri*) ajuda no tratamento de doenças renais, assim como o **mandacaru** (*Cereus jamacaru*). O miolo é utilizado para insumos ou sucos que são curtidos em garrafadas que fazem expelir os cálculos renais. De acordo com Souza (2018), a planta é endêmica da Caatinga.

O **pinhão** (*Jatropha pohliana*) é utilizado como ação antiinflamatória e, também, para queimaduras, ajudando na cicatrização de feridas e na secagem de bolhas e ferimentos. Segundo Souza (2018), é endêmico da Caatinga.

A **jurubeba** (*Solanum paniculatum* L.) é muito utilizada para xaropes e chás, especialmente para o combate a resfriado e gripes. Embebida com cachaça seu uso contínuo fortalece o sistema imunológico. É mais comum na Caatinga, mas pode ser encontrado com menor extensividade em todo o Brasil (Souza, 2018).

O **alecrim** (*Rosmarinus officinalis*) tem muitas opções de uso, sendo utilizado para combate à queda de cabelo, para chás de combate à gripe e para o fortalecimento do sistema imunológico, assim como para banhos de limpeza espiritual. Pode ser encontrada em todo o território brasileiro (Souza, 2018).

A **caatinga-de-porco** (*Cenostigma pyramidale* (Tul.)) e a **jurema-preta** (*Mimosa tenuiflora*) são utilizadas para regular o intestino e no processo de cicatrização de feridas e queimaduras. São endêmicas da Caatinga (Souza, 2018).

A **babosa** (*Aloe vera* (L.) Burm. f.) é utilizada para queimaduras, para combate à inflamação, regulação do intestino, além de auxiliar no processo de cicatrização. É muito conhecida por sua ação no desenvolvimento capilar e no combate à queda de cabelo. Pode ser encontrada em todo o território brasileiro (Souza, 2018).

O **quebra-facão** (*Physocalymma sacaberrimum* Pohl) é utilizado em banhos, para assentos ou vaporizações para combate a inflamações uterinas. É utilizado também para gripe e para produção de cachaça curtida. É endêmico da Caatinga (Souza, 2018).

Do **babatimão** (*Stryphnodendron*) são utilizadas as cascas para assentos, vaporização. É usado para saúde feminina, no cuidado de inflamações e para cicatrização de feridas. É encontrada na caatinga e no cerrado.



Do **mastruz** (*Chenopodium ambrosioides*) são utilizadas as folhas. Ele ajuda no processo de cicatrização, assim como é bom para resfriados, gripes e alergias, pois ajuda a expelir secreções. Pode ser encontrado na Amazônia, na Caatinga, no Cerrado e na Mata Atlântica.

O **capim santo** (*Cymbopogon citratus*) é utilizado como chá para resfriados, constipações e gripes, ajudando a expelir secreções. Pode ser encontrada em todo o território brasileiro.

Da **alfavaca** (*Ocimum basilicum*) são utilizadas as folhas para resfriados, gripes e alergias. Ajuda no alívio de problemas respiratórios. É nativa do pantanal, mas pode ser encontrada em todo o território brasileiro.

Da **hortelã** (*Mentha spicata*) são utilizadas as folhas para infusões e chás para resfriados, gripes e alergias, pois alivia problemas respiratórios. Pode ser encontrada em todo o território brasileiro.

Da **arruda** (*Ruta graveolens L*) são utilizadas as folhas para inflamações, cicatrizações, banhos de limpeza espiritual e equilíbrio da mente e do corpo. Consiste em uma planta medicinal que requer muito cuidado, devido ao seu caráter abortivo. É endêmica da Caatinga.

Do **boldo** (*Peumus boldus*) são utilizadas as folhas para regulação intestinal e para equilíbrio do funcionamento estomacal. É originário da Mata Atlântica, mas pode ser encontrado em todo o território brasileiro.

Algumas plantas frutíferas muito utilizadas são: a folha da **goiabeira** (*Psidium guajava*) que é utilizada para dor de barriga, diarreia, queda de cabelo e caspas.

Da **romãzeira** (*Punica granatum L.*) é utilizada a casca, a semente e a folha, para preparo de melaços, para banhos, para insumos, com fins de lavagens e secagem de queimaduras, devido à ação antiinflamatória. É comum sua presença na Caatinga.

Do **juazeiro** (*Ziziphus joazeiro*) é utilizada a fruta e também a folha. Seu uso é comum para regulação do sistema autoimune e também no combate a resfriados e gripes. É endêmico da Caatinga (Souza, 2018).



O **umbuzeiro** (*Spondias tuberosa*) é utilizado para regulação da pressão, combatendo a hipertensão e promovendo a controle do diabetes. É endêmico da Caatinga (Souza, 2018).

O **cajueiro** (*Anacardium occidentale*) é utilizado para sucos e insumos na regulação intestinal, além de possuir ação antiinflamatória. É endêmico da Caatinga (Souza, 2018).

Do **tamarindeiro** (*Tamarindus indica L*) é utilizada a fruta para sucos, chás e conservas para regulação da imunidade, combate ao resfriado e regulação do estômago. É pertencente ao cerrado, ainda que esteja presente em todo território brasileiro.

A **serigueleira** (*Spondias purpurea*) é utilizada para sucos e ajuda na regulação do sistema autoimune. Sua área de ocorrência envolve todo território brasileiro, ainda que seja uma planta exótica.

A **aceroleira** (*Malpighia emarginata*) é utilizada para combate a resfriados e gripes, além de regular o sistema autoimune. Pode ser encontrada em todo o território brasileiro, ainda que possua grande extensividade na Caatinga.

O **jenipapeiro** (*Genipa americana*) é utilizado para regulação do sistema autoimune, assim como para o combate da anemia. Ocorre na Amazônia, na Caatinga, no Cerrado, na Mata Atlântica e no Pantanal (Souza, 2018).

Dentre o saber-fazer relacionado às ervas, à alimentação e às árvores frutíferas, também há o manuseio e a circularidade do uso de mel, que é um produto de muita utilização interna no povoado da Jurema. O mel de abelha **jataí** (*Tetragonisca angustula*), **africana-oropa** (*Apis mellifera*) e de **mandaçaia** (*Melipona rufiventris*).

A relação saúde e alimentação tem nas plantas frutíferas uma potencialidade especial, como nas vitaminas, nas saladas, nos pratos e nos sucos energizantes.

A alimentação para a boa saúde, para conservação de um corpo equilibrado perpassa não apenas pelo consumo de alimentos, uma condição de fartura, de esbanjo ou variedade, mas sim por uma alimentação que viabilize o alimento do espírito e a sustância do corpo. Isso significa que são necessários alimentos com vigor e de sentido para aqueles que comem.

Figura 2 – Plantas endêmicas da Caatinga e seus usos medicinais no povoado Jurema de Pedro Leite (São Gabriel – BA)



| Nome | Partes utilizadas | Forma de uso | Usos |
|--------------------|--------------------------|---|--|
| Umburana de cheiro | Folhas, cascas e raízes | Chás, insumos e garrafadas | Má digestão, diarreia e para regulação intestinal |
| Aroeira | Cascas | Vaporizações ou assentos em água morna | Amenizar inflamações uterinas |
| Jurubeba | Fruto | Xaropes e chás | Combate a resfriado e a gripes. Fortalece o sistema imunológico |
| Quebra-facão | Cascas | Vaporizações, chás, garrafadas, cachaça | Combate a inflamações uterinas, ameniza os sintomas da gripe e resfriado |
| Coroa-de-frade | Miolo (polpa) | Insumos, batidas e garrafadas | Facilitam a ação de expelir os cálculos renais |
| Mandacaru | Miolo (polpa) | Insumos, batidas e garrafadas | Facilitam a ação de expelir os cálculos renais |
| Pinhão | Folha e seiva | Uso tópico | Combate a inflamação, queimaduras, ajudando na cicatrização de feridas e na secagem de bolhas e ferimentos |
| Caatinga-de-porco | Folhas | Insumos, chás, batidas e garrafadas | Regulação do intestino e no processo de cicatrização de feridas e queimaduras |
| Jurema-preta | Folhas | Insumos, chás, batidas e garrafadas | Regulação do intestino e no processo de cicatrização de feridas e queimaduras |
| Arruda | Folhas | Chás, insumos, e garrafadas, vaporização | Combate a inflamação, cicatrização, banhos de limpeza espiritual e equilíbrio da mente e do corpo |
| Romãzeira | Cascas, semente e folhas | Insumos, Lavagens, melações | Combate a inflamação e cicatrização de queimaduras |
| Juazeiro | Frutos e folhas | Insumos, chás, lavagens | Regulação do sistema autoimune e também no combate a resfriados e gripes. |
| Umbuzeiro | Miolo, folhas e frutos | Chás, insumos, lavagens, sucos, vitaminas, geleias, caldas, batidas e etc | Regulação da pressão, combatendo a hipertensão e promovendo a controle do diabetes |
| Cajueiro | Frutos | Chás, sucos, vitaminas, geleias, caldas, batidas e etc | utilizado para sucos e insumos na regulação intestinal, além de possuir ação antiinflamatória |

Fonte: Silva (2024).

Figura 3 – Plantas não endêmicas da Caatinga e seus usos medicinais no povoado Jurema de Pedro Leite (São Gabriel – BA)

| Nome | Partes utilizadas | Forma de uso | Usos |
|------|-------------------|--------------|------|
|------|-------------------|--------------|------|



| Boldo | Folhas | Chás | Tratamento de doenças renais |
|--------------|----------------|--|---|
| Alecrim | Folhas | Chás e banhos | Combate à queda de cabelo, à gripe e fortalece o sistema imunológico. Limpeza espiritual |
| Babosa | Folhas e seiva | Uso tópico, batidas e na fabricação de pílulas | Queimaduras, combate à inflamação, regulação do intestino, cicatrização, combate à queda de cabelo |
| Babatimão | Cascas | Vaporização, assentos, garrafadas, insumos | Ajuda na manutenção da saúde feminina, no cuidado de inflamações e para cicatrização de feridas. |
| Mastruz | Folhas | Uso tópico, chás, sucos, vitaminas | Auxilia na cicatrização, assim como é bom para resfriados, gripes e alergias, pois ajuda a expelir secreções. |
| Capim santo | Folhas | Chás, sucos | Combate a resfriados, constipações e gripes, ajudando a expelir secreções |
| Alfavaca | Folhas | Chás, suco | Combate a resfriados, gripes e alergias. Ajuda no alívio de problemas respiratórios. |
| Hortelã | Folhas | Chás, suco, infusões, vaporização | Combate a resfriados, gripes e alergias, pois alivia problemas respiratórios. |
| Boldo | Folhas | Chás, insumos, garradas, batidas | Regulação intestinal e para equilíbrio do funcionamento estomacal |
| Goiabeira | Folhas, frutos | Chás, lavagens, doces, vitaminas | Combate a dor de barriga, diarreia, queda de cabelo e caspas |
| Tamarindeiro | Folhas, frutos | Chás, sucos, vitaminas, conservas, doces, geleias, etc | Regulação da imunidade, combate ao resfriado e regulação do estômago |
| Seriguleira | Frutos | Sucos, vitaminas, geleias, etc | Regulação do sistema autoimune |
| Aceroleira | Frutos, folhas | Sucos, vitaminas, insumos, chás | Combate a resfriados e gripes, além de regular o sistema autoimune |
| Jenipapeiro | Fruto | Sucos, vitaminas, insumos | Regulação do sistema autoimune, assim como para o combate da anemia |

Fonte: Silva (2024).

O sentido é importante para tensionar a alimentação desequilibrada que cada vez mais vem sendo praticadas na sociedade do consumo e da informação, em que os *fast food* e ultraprocessados estão gradualmente mais presentes no cotidiano das pessoas,



inclusive nas áreas rurais. O resultado é o aumento e a diversificação de enfermidades em diversos grupos sociais, faixas etárias e regiões.

A associação da alimentação com a busca por saúde está vinculada a um modo de vida equilibrado, repleto de exercícios físicos, *personal trainers*, energéticos, balanceamento e acompanhamento nutricional. No entanto, a perspectiva dos povos originários e do sertão vincula a boa saúde com a alimentação do espírito, demandado também pelo cuidado envolvido no próprio processo de cultivo e preparo dos alimentos, por exemplo. Estes estão implicados no saber-fazer comunitário, sendo difícil transpor os alimentos e os preparos ancestrais para a lógica desterritorializante dos sistemas produtivos de alimentos contemporâneos.

Esse saber-fazer expressa um sentido comunitário e ancestral da geograficidade sertaneja, por meio da relação existencial com o manuseio, a convivência e a experiência na Caatinga. É comunitário, uma vez que se encontra territorializado em um povoado com articulação comunal, permeado pelo saber-fazer intergeracional que aciona as receitas, as incrementações, os manuseios entre as urgências de uma enfermidade e as ações preventivas. São componentes de um modo de vida e de uma maneira de saber-fazer que se relaciona diretamente com a Caatinga.

Verona e Compiani (2016) enfatizam a relação territorial do ambiente com os saberes e fazeres e as pessoas envolvidas entre as gerações de uma comunidade e que cuidam da transmissão e do uso desses conhecimentos, responsabilizando-se pela propagação dos elementos culturais de um povo.

Essa transmissão de elementos culturais, como o uso de plantas e alimentos com fins medicinais, não ocorre de forma desorganizada e desarticulada. Essa força da geograficidade aciona e demanda ajudas, as trocas entre os “conhecidos dos conhecidos”, entre os parentes, amigos em diversos momentos, como é marcante nos resguardos (momento de recuperação e descanso após uma doença ou procedimento cirúrgico). Alguns dos resguardos são mais costumeiros, como após uma mulher ter um filho, ocasião em que as pessoas da comunidade visitam e contribuem nos afazeres, como nos banhos realizados com ervas medicinais, ou na preparação da alimentação que contribua para a recuperação. Nessas ocasiões, presta-se muita atenção aos



alimentos reimosos, aos frios e aos quentes (Woortmann, 2008), remetendo ao cuidado com as combinações alimentares que potencializam ou dificultam a boa recuperação.

Nesse mesmo momento há uma série de articulações, principalmente das gerações mais velhas, no cuidado com o recém-nascido, em benzê-lo com galhos de arruda para livramento dos olhados e males, especialmente ao receber visitas que podem produzir desequilíbrio energético espiritual. Outros cuidados envolvem os remédios, banhos de ervas para equilíbrio nas etapas, como o cair do umbigo, sua cicatrização (“secar o umbigo”), e até mesmo a recuperação pós-operatória da mãe. Cuida-se também dos alimentos que influenciam no aumento do leite para amamentação, na cicatrização dos ferimentos do “bico do peito” que se ferem no início da amamentação.

É um movimento de circularidade e ajuda mútua que compreende o compartilhamento dos alimentos e plantas que eventualmente não têm disponíveis em seus quintais, no movimento demarcado com o “busca na casa do fulano” umas folhas, ou um tanto de um alimento, ou uma fruta.

Outra demanda é a troca envolvida no momento de recuperação de uma doença, pela doação de insumos à família do doente, além de chás e banhos na tentativa de contribuir com a recuperação do enfermo. Às vezes a pessoa se encontra em estágio terminal, mesmo assim, há o movimento das pessoas “entendidas” que contribuem com algum aspecto da saúde da pessoa, facilitando a qualidade de vida do enfermo.

Outro momento marcante dessas relações de cuidado e trocas comunitárias é o velório, envolvendo calmantes, rezas e benzeduras para aqueles que sofrem a perda. Há uma articulação que implica a integração com o corpo-espírito que volta à terra. Este voltar para a terra é um movimento de interrelação espiritual na/pela terra, mas também literal, pois os enterros são realizados de modo “tradicional”, cavados a sete palmos do chão e revolidos pela terra.

Todo esse saber-fazer é envolvido pela experiência e vivência cotidiana, articulada a uma geografia contracolonial que se expressa nos modos de vida comunitários e ancestrais, os quais atravessam os modos de ser e que, no sertão baiano, reverberam a espiritualidade indígena.



Considerações finais: Espiritualidade e ancestralidade do corpo-terra

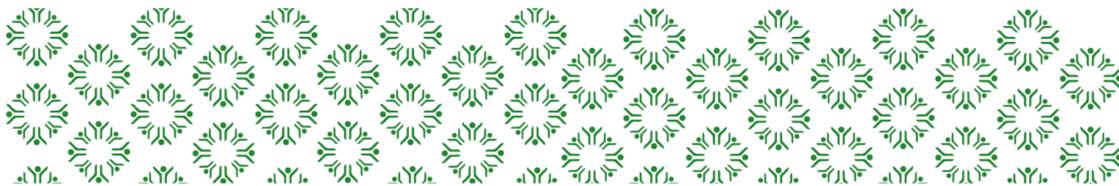
O saber-fazer no povoado Jurema expressa uma geograficidade, implicada em uma relação profunda com a terra e com o ser natureza. Manifesta-se pelos manuseios adequados e indicados em cada demanda, como busca pelo equilíbrio corpo-mente que se relaciona com o corpo-terra desde as inúmeras combinações dos chás, das folhas, dos insumos, das frutas que são compreendidas pelo entrelaçamento da alimentação com a espiritualidade.

O saber-fazer está atravessado pela ancestralidade dos povos indígenas em suas cosmovisões de conhecimentos intergeracionais que reverberam e constituem as geograficidades do sertão baiano. A centralidade das plantas e seus diversos usos mostra-se, portanto, fundamental para a saúde, em sentido amplo, para o cuidado e para a resistência dos povos sertanejos diante da continuidade da colonialidade que busca insistentemente nos desterrar e nos desterritorializar.

A alimentação, do corpo-espírito, no sentido aqui desenvolvido, se mostra fundamental no movimento contracolonial. O sentido de saúde e de cuidado que emerge das práticas ancestrais remete a uma perspectiva espiritual na qual corpo-terra-espírito não são dissociados. Alimentação, cultura e saber-fazer oferecem uma base para pensarmos a saúde em seu sentido geográfico, com potencialidade política latente, pois se é da Caatinga que a alimentação e as medicinas são constituídas, como cuidar da comunidade sem sua geograficidade própria? A relação indígena-caatinga-sertanejo, em sua ancestralidade, se apresenta, dessa maneira, como elo fundante de uma geografia política aterrada: uma cosmopolítica indígena, cuja espiritualidade é substância que atravessa a produção e o consumo dos alimentos.

Referências

AB'SÁBER, A. N. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.



ALCÂNTARA, S. S. de. *Agricultura camponesa e a produção do espaço agrário no município de Irará/BA*. 2017. 204 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25654>. Acesso em: 8 ago. 2024.

ARAÚJO, M. B. de. *Saberes, conhecimento e práticas medicinais tradicionais na cosmovisão indígena dos povos originários Kariri-Xocó, Fulni-ô e Fulkaxó: uma análise cognitiva*. 2021. 200 f. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33226>. Acesso em: 8 ago. 2024.

BORUM-KREN, B. N. F. O que os femininos e o ambientalismo podem aprender com as lutas de indígenas mulheres e o bem viver?. In: KAYAPÓ, A. N. K. L.; LIMA-PAYAYÁ, J. da S.; SCHUBERT-TUPINAMBÁ, A. M. P. (org.). *Wayrakuna: polinizando a vida e semeando o bem viver*. Ponta Grossa: UEPG: Proex, 2023. p. 48-72.

CHAPARRO, Y. L.; MACIEL, J. de C. *Este é o nosso corpo, a terra: caminhos e palavras Avá Guarani/Ñandeva para além do fim do mundo*. Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares, 2021.

DARDEL, E. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

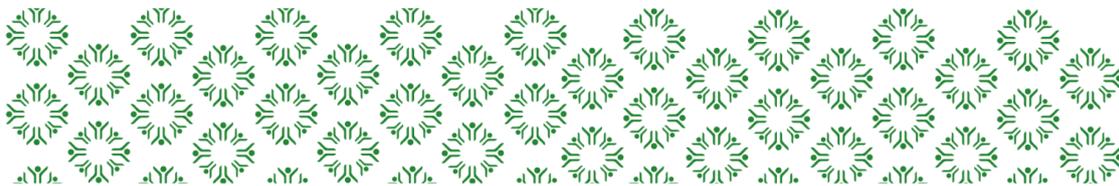
DIAS, M. A.; MENDONÇA, F. Alternatividades em saúde humana e a geografia da saúde. *Hygeia*, Uberlândia, v. 16, p. 264-281, set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.14393/Hygeia16056781>.

SOUZA, A. V. de. *Bioma caatinga*. Brasília, DF: EMBRAPA, 2018. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/bioma-caatinga/flora/medicinais>. Acesso em: 8 ago. 2024.

FERREIRA, E. G. *Território corpo-terra: resistências das mulheres contra o neoextrativismo da soja no bioma pampa*. 2021. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Desenvolvimento Territorial e Agroecologia) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Santana do Livramento, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/1848>. Acesso em: 8 ago. 2024.

GAUDÊNCIO, J. da S.; RODRIGUES, S. P. J.; MARTINS, D. R. Indígenas brasileiros e o uso das plantas: saber tradicional, cultura e etnociência. *Khronos*, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 163-182, jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/khronos.v0i9.171134>.

IBGE. *Censo brasileiro de 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 8 ago. 2024.



LIMA-PAYAYÁ, J. da S. A geografia como um fazer: possibilidades da pesquisa implicada para os estudos geográficos. In: OLIVEIRA, A. F.; GONÇALVES, R. A.; MARQUES, A. C. O.; SIMÕES, W.; BARROS, C. *Geografias da esperança: revisitar o Brasil, dialogar com o mundo*. Anápolis: Editora da UEG, 2024.

LIMA-PAYAYÁ, J. da S. *O sentido geográfico da identidade: metafenomenologia da alteridade Payayá*. 2019. 254 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. DOI: <https://doi.org/10.9771/geo.v15i2.34171>.

LIMA-PAYAYÁ, J. da S. Yby: sentido radical de casa. *Kalagatos*, Fortaleza, v. 20, n. 2, p. 1-13, jun. 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/10837>. Acesso em: 8 ago. 2024.

LIMA-PAYAYÁ, J. da S.; SILVA, E. R. B. da. Palavra geográfica: oralidade e ancestralidade no dizer sertanejo. In: SOUZA JUNIOR, C. R.; SILVA, L. L. S. da (org.). *Irrupções geográficas: afetos, lugares e paisagens para além das representações*. Vitória: Rasuras, 2024. p. 111-129.

LUZ, M. T. *Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MANCUSO, S. *A planta do mundo*. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2021.

MOREIRA, J. de F. R. Mulheres, geografia e saúde: plantas medicinais e benzeção como alternativas de cura no território Kalunga. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 44, n. 1, p. 1-28, fev. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5216/bgg.v44i1.77972>.

ROCHA, M. C. A. da. *Biopirataria das plantas medicinais enquanto apropriação dos conhecimentos tradicionais na Amazônia brasileira*. 2019. 183 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/17411>. Acesso em: 8 ago. 2024.

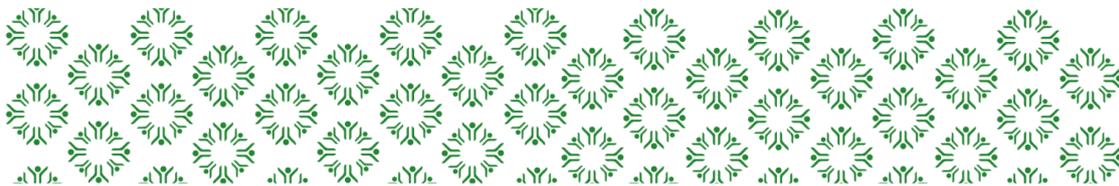
ROMARIZ, D. A. *Biogeografia: temas e conceitos*. São Paulo: Scortecci, 2008.

ROMARIZ, D. A. *Humboldt e a fitogeografia*. São Paulo: Lemos, 1996.

SANTOS, A. B. dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Piseagrama; UBU, 2023.

SANTOS, G. M. dos. Transformar as plantas, cultivar o corpo. In: OLIVEIRA, J.; AMOROSO, M.; LIMA, A. G. M. de; SHIRATORI, K.; MARRAS, S.; EMPERAIRE, L. (org.). *Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu; IRD, 2020. p. 140-153.

SILVA, E. R. B. da. *Meu punhado de farinha: o sabor da ancestralidade no saber-fazer da farinha de mandioca no povoado de Jurema de Pedro Leite, São Gabriel, Bahia*. 2024. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Territoriais) – Universidade do Estado



da Bahia, Salvador, 2024. Disponível em:

<https://saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/5417>. Acesso em:

SILVA, E. R. B.; LIMA-PAYAYÁ, J. da. S. Construindo uma pesquisa fenomenológica: experiência e saber-fazer em casas de farinha no sertão baiano. *In: COELHO NETO, A. S.; SANTOS, S. R.; SOUZA, S. O. (org.). Enfoques territoriais: natureza e sociedade.* Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2024. p. 223-235.

SOUZA, A. V. de. *Bioma caatinga*. Brasília, DF: EMBRAPA, 2018. Disponível em:

<https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/bioma-caatinga/flora/medicinas>. Acesso em: 8 ago. 2024.

VERÍSSIMO, L. J. O corpo, a terra e o sentido ético e ecológico da existência: colóquio da filosofia com a psicologia. *Interfaces da Psicologia da UFRRJ*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 5-17, jan. 2010. Disponível em:

<http://www.ufrj.br/seminariopsi/2010/boletim2010-1/verissimo.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2024.

VERONA. J. A.; COMPIANI, M. O século XXI e a força das tradições na pequena cidade do interior baiano: exemplo das feiras livres e da produção artesanal de farinha de mandioca. *Geograficidade*, Niterói, v. 6, n. 2, p. 71-83, mar. 2016. DOI:

<https://doi.org/10.22409/geograficidade2016.62.a12962>.

WOORTMANN, K. Quente, frio e reimoso: alimentos, corpo humano e pessoas.

Caderno Espaço Feminino, Uberlândia, v. 19, n. 1, p. 17-23, jun. 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/2102>. Acesso em: 8 ago. 2024.

Recebido em: 09/09/2024

Aceito em: 10/10/2024